



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

A arte da vida homotranssexual em Damata na relação com a história dos afrodisíacos

The art of homotranssexual life in Damata related to the history of the aphrodisíacos

Claudio Noel de Toni Junior

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5374-8475>

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Brasil

Email: claudio.noel@unesp.br

Article Info:

Article history: Received 2023-11-22

Accepted 2024-03-30

Available online 2024-03-30

doi: 10.18540/revesv17iss1pp18165



Resumo. A singularidade do modo de vida dos sujeitos no dispositivo da sexualidade na obra de Damata, em plena ditadura militar, onde o território principal é a cidade do Rio de Janeiro, com as vivências de pessoas ligadas à Marinha do Brasil, traz à tona a questão das homossexualidades desta classe em especial, em diferentes tempos de suas vidas e na relação de gosto de ser ativo ou passivo, o que, sem citar a obra, surge na questão do gênero. Esta questão remonta a mais de 6 mil anos, quando o tema era abordado como estilo de vida social, político e moral na Antiguidade; se transforma e possui contornos de interdição na era cristã e em momentos pelos quais passou a sociedade ao longo dos tempos, como a Ditadura e regimes de exceção. O objetivo do trabalho ao se analisar as relações do corpo com as questões da moralidade e atributos de passagem de um estágio da vida para outro, o tempo escancara que a questão da sexualidade ainda é, nos dias de hoje, uma forma de interdição na qual o sujeito se abnega de sua vida para viver uma forma de vida que o outro lhe impõe. São questões a serem resolvidas, e pode-se usar o conhecimento Antigo para que os diversos gêneros que não são binários vençam, lutem e resistam ao transformarem os seus modos de existência finitos na vida como donos de si mesmos.

Palavras-chave: Interdição dos Gêneros. Liberdade nas Práticas de Viver. Mundos que se Entrelaçam.

Abstract. The uniqueness of the subjects' way of life, in the device of sexuality in Damata's work in the middle of the military dictatorship where the main territory is the city of Rio de Janeiro, with the experiences of the people linked to the Brazilian Navy, brings up the issue of homosexuality of this class in particular, at different times of their lives and in regards of the preference for being active or passive, which without mention in the work, makes the question of gender arise. This issue goes back to the fact that over 6,000 years ago, the theme was approached as a social, political and

moral lifestyle in antiquity and that it is transformed and has contours of interdiction in the Christian era and in moments that passed society over time as in the Dictatorship and in regimes of exception. The purpose of the work when analyzing the body's relations with questions of morality and attributes of passage from one stage of life to another, time opens up that the issue of sexuality is still today a form of interdiction where the subject abdicates his life to live a way of life that the other imposes on him, being issues to be resolved and that Ancient knowledge can be used so that the different genres that are not binary can win, fight and resist, transforming their finite modes of existence in life as their own master.

Keywords: Interdiction of Genres. Freedom in Living Practices. Worlds that Intertwine.

1. Introdução

A obra “Os Solteirões”, de Damata, revela um estilo de vida cujo cenário são os anos de 1970 nos grandes centros urbanos, por isso dedica nomes como Pernambuco, Paraíba, Gaúcho, Paulista etc. a seus personagens. São relatos de pessoas que optam, pelas condições socioeconômicas que possuem, necessitando se dedicar à criação de filhos e arcar com dispêndios e gastos com esposas, por realizar “programas” em cinemas especializados nesta prática, nas ruas e clubes – eram os populares *michês* – além de em outros lugares característicos da cidade do Rio de Janeiro, como o bairro de Cinelândia e o bar “Amarelinho”.

Na referida década de 1970, fazia parte da realidade brasileira que as mulheres se dedicassem ao lar, à família, ao cuidado dos filhos e do homem, se direcionando ao trabalho doméstico para que houvesse o sustento da prole.

Cabia ao homem, neste sistema patriarcal, ser o “chefe da família”, o que nos remete aos clássicos gregos e romanos, o que, em muitas circunstâncias, pouco mudou em termos de prevalência de liberdade. Em uma época em que se vivia na imposição, muito do atraso brasileiro se deveu ao seu prazer em ter o regime militar, sendo um dos países que mais demorou para que se tivesse um sistema de governo não interdito.

Estes homens optavam por se dedicar a atividades ligadas ao governo, e tinham posições diferentes para cada personagem, seja pelo gosto de ganhar dinheiro fácil, pela paixão boêmia, ou para complementar a renda, que era pouca em um país que possuía, na época, uma inflação “galopante”.

No período Antigo clássico, no qual a mulher poderia sair de casa, possuía maior autonomia, em especial na terceira etapa do Império Romano, os casamentos eram arranjados, e os homens podiam ter amantes, desde que cumprissem a sua posição social da época. Assim, havia maior liberdade de expressão do erotismo.

Do século IV até o século V, com a invasão dos povos bárbaros que levou à queda do Império Romano, a relação entre plantio e colheita com a sexualidade, reprodutividade e fertilidade se fortaleceu. As condições de vida e de trabalho levavam os agricultores ao adoecimento, o que resultava em altos índices de falecimentos precoces.

Tal fato levava à necessidade de mulheres procriadoras e férteis para que pudessem ter muitos filhos, especialmente do sexo masculino. Estes se tornariam os homens

que assumiriam um papel fundamental em tempos de paz, na posição paterna, ou no auxílio ao Estado em tempos de guerras, visto que as conquistas e lutas bárbaras foram intensas ao longo da História.

O erotismo romano possui suas interfaces; dentre elas podemos destacar a pederastia. No século 6 a.C., os arranjos sexuais deram origem aos conceitos de passivo e ativo, sendo a passividade representada pelas mulheres, adolescentes antes da puberdade e os escravos. Estes eram penetrados pelos ativos, no caso, os homens já formados, intelectuais, homens de posses, de classe social de alta estirpe. Os encontros entre os amantes se davam em locais como ginásios e palestras, e tinham o intuito de fazer com que a classe dos passivos ingressasse na vida adulta em sociedade.

Essa configuração, de acordo com Silveira (2015) existe ainda no hoje, se transforma, ela impera no Eu do sujeito, porém não há o toque, não há sensações, apenas emissor e receptor buscando um contato imediatista, o sexo rápido ou um relacionamento apenas voltado ao sexo em si. Há grande presença de mulheres que desejam um relacionamento duradouro, começando pelas conversas à distância até a expectativa de um encontro presencial, e neste encontro, espera-se que as evidências obtidas no contato subjetivo sejam iguais ou superadas no contato real, o que nem sempre ocorre. O objetivo do trabalho ao se analisar as relações do corpo com as questões da moralidade e atributos de passagem de um estágio da vida para outro, o tempo escancara que a questão da sexualidade ainda é, nos dias de hoje, uma forma de interdição na qual o sujeito se abnega de sua vida para viver uma forma de vida que o outro lhe impõe.

2. O que podemos aprender no movimento da historicidade do estilo de vida homossexual com a obra “Os Solteirões” de Damata?

No romance, estas modalidades de viver e de subjetivar o corpo e as normas eram múltiplas, e não havia também um padrão que era seguido, logo, o passivo poderia ser o velho sargento, por exemplo. Distingua-se dos Antigos, que mantinham alguns elementos de similaridade; por exemplo, quem procurava o ato no corpo da pessoa era passivo, e não gostava de ser ativo e passivo de forma dupla, bem como era pouco atraído por pessoas afeminadas e por travestis e demais gêneros que não fossem adeptos do sigilo. Naquela época não havia termos como transexualidade, assexuais, não que fosse dito, embora essas pessoas sempre tenham existido, de acordo com Pelúcio (2006).

Cita-se na obra de Damata (1975) que em casos de falta de clientes, os michês saíam com afeminados, mas apenas quando não havia os fregueses de sua preferência, por questões de necessidade financeira.

O espaço em que corria a relação da atividade era dentro dos cinemas, quando eram pequenos fetiches de toque, mas era algo que poderia ficar mais extravagante; se isto ocorresse, iam para o segundo andar, para um quarto de hotel ou a casa de algum cliente, quando solteiro, pois assim seria mais fácil receber o ativo em sua residência.

Esta relação na obra de Damata (1975), de ativo e passivo, delimita as vontades eróticas, em que a pessoa que ia em busca, se não tivesse o interesse em ser “fêmea”, não teria chances de ter contato, por exemplo, com Pernambuco, homem que se

lembra do Recife, de cabelos encaracolados, sem ter boa aparência facial, mas que possuía a forma de dominar uma fêmea no corpo de um engravatado, pelo seu dote e pela conversa. Muitos o procuravam para conversar, outros queriam algo mais picante na relação ao ser passivos, apenas.

Um dos diferenciais destes personagens, como Pernambuco e Paraíba, é que não gostavam de homoafetivos que possuíam gestos de feminilidade em público, o que denominamos de “trejeitos”, pela extravagância no andar, no falar e no vestir, pois estes homens queriam realizar o ato sem ser notados. Preferiam um homem estabilizado que tivesse uma postura máscula, para que ninguém pudesse levantar suspeitas sobre sua *phillia* erotizada.

Estes “fregueses” procuravam os rapazes que lhes atraíam por algum atributo, e queriam estar na posição de ativo, a representação de dominação, de quem manda e quem procura, na busca de uma aventura escondida em que o outro se transformaria em uma fêmea. A relação de ativo e passivo era bem definida, e os homens que se dedicavam à profissão de michês, diferentemente do modo de vida greco-romano, rompiam com as normas de que ser ativo no sexo era a posição do militar, do mais velho, do mais rico.

Os amantes cobiçavam seus amados por meio de olhares, galanteios e presentes, e tudo era consentido, caso o adolescente passivo e amado aceitasse o ritual. Estes homens casados, na maioria das vezes, penetravam o passivo, ou o escravo, ou as mulheres, ou seja, as relações sexuais faziam parte da estratificação social. A questão não era o sexo em si, o ato, e sim a quebra da hierarquia social.

Cita-se também que na Grécia Antiga, se o senhor penetrasse adolescentes com pelos no rosto e corpo, ou se houvesse relação homoafetiva entre homens adultos, isso não era bem visto, em especial pela sociedade espartana, que era ativa. Este homem seria então excluído do clã social de maior classe, ao menos na teoria.

O ser ativo ou passivo na relação sexual faz com que se adote práticas de si para com o outro, nas quais são alicerçados um campo de atuação e regras que devem ser respeitadas, a salientar que, com o tempo, os clientes eram passivos pois sabiam que um garoto era apenas ativo, por exemplo. Havia o saber de suas preferências ou que ele era ativo porque faz parte da sua condição de gênero, que não conseguiria ser passivo, pois foge à sua arte de viver, da sua sexualidade, da sua vida.

Isso se dava nem tanto por opção de gosto e sim por ser ativo, alicerça Trisoto (2008), e gostar de homens que se entregavam à passividade como clientes, e sendo ativos, apenas buscavam afeminados, travestis e afins; quando estes o procuravam, aceitava, quando não tinha clientes que pudessem trazer um valor monetário para suas despesas e de sua família, pois muitos tinham filhos e mulher para cuidar, precisando pagar contas da casa em suas relações de matrimônio.

Da mesma forma que a passividade, no momento da Erótica, não é uma opção quando há passividade nata no sujeito, desta forma ele(a) busca em seus relacionamentos formas de sentir prazer e ter relações afetivas nesta condição, que não muda. Quando a pessoa possui o duplo papel de ativo e passivo, pode haver a opção de escolha natural de qual performance manifestar nas relações em cada momento.

No que se define como gênero, a pessoa se identifica como sendo homem, mulher, travesti, transexual, ou se veste com roupas diferentes das designadas comumente para o seu sexo de nascimento, como as pessoas transformistas ou *drag queens*. Elas ainda podem ser assexuadas, por exemplo.

Já a orientação de gênero, que pouco se aborda na obra de Damata (1975), mas que evoluiu em conceitos com o tempo e em inteligibilidade, é como a pessoa se define: heterossexual, homossexual, bissexual. No caso da obra literária, os acompanhantes destes homens se denominavam heterossexuais – homens – e quem os procurava eram homossexuais, na sua maioria, querendo estar na condição de passivo-mulher.

Quando retomamos conceitos sobre a obra “Sexualidade em Pompeia”, milênios de anos antes mostra-se uma cidade de 6 mil habitantes com uma incipiente sexualidade, aflorada sob um Império, o Império Romano. Apenas havia sexo libidinoso em Pompeia?

Não há uma resposta pronta e acabada, podendo-se dizer que as práticas sexuais existiam em Roma; logo a capital do sexo seria teoricamente a capital do Império Romano, Roma. Porém Pompeia era peculiar, estava estigmatizada como a capital do sexo, por sua explícita vida cotidiana voltada aos prazeres (AUDIOVISUAL, 2019).

A história da sexualidade em Pompeia tem como pressupostos as formalidades e formas de governo do Império Romano. Calígula, em 37 d.C., torna-se imperador. Fascinado pela corrupção, vê a prostituição como forma de obter lucro como negócio; logo, apregoa a taxa de impostos de bordeis no Império (FEITOSA, 2013).

Nero o sucede, de caráter ditador e bruto. Passa a ser natural a prática de grandes orgias aristocratas, em 60 d.C. Vespasiano mantém a libertinagem. A cidade de Pompeia, antes de sua destruição, respirava sexualidade. Nas calçadas havia artefatos de pedras com figuras de pênis, e prostitutas ficavam nas ruas chamando por seus clientes. As tabernas eram em sua maioria pequenos lugares com apenas camas e latrinas, e nas camas havia almofadas para a prática sexual; estes locais poderiam ser únicos ou em conglomerados com vários quartos.

Nos castelos destinados à prática sexual de estirpe mais elevada, haviam verdadeiras orgias feitas pelos aristocratas, com muitos espaços de prazer, nos quais existiam janelas para ver o que outros faziam; isto lhes dava prazer, ver e ser vistos nos atos sexuais diversos.

Sobre as prostitutas, eram de todas as classes, desde escravas, submissas, como também donzelas casadas que realizavam a prática por fetiche de forma escondida. Havia também as mulheres que mantinham relacionamentos com gladiadores, que eram um tipo de servos, com músculos avantajados; eram os amantes das mulheres dos aristocratas que na sociedade mantinham a moral e os bons costumes, mas às escondidas, deixavam aflorar seus desejos mais ocultos.

As casas eram decoradas com suntuosos objetos e pinturas que chamavam a atenção pelas figuras remetendo ao ato sexual e à sexualidade em si. A partir do reinado de Augustus, pode ser questionada a tese de que, ao menos na teoria, começa a se incentivar e a praticar a moral e os bons costumes.

Os valores e as estruturas sociais começam a mudar, e já não cabiam tais práticas em Pompeia como a *forallia*, que eram as festas nas ruas, nas casas e em pequenos “becos” na cidade, de modo que, sendo 80% da população pobre, o sexo era feito em qualquer local.

O preço da prostituição variava; mulheres mais maduras e com mais experiência cobravam duas moedas de cobre, já as mais novas e belas chegavam a cobrar dez vezes mais. Os gladiadores com corpos robustos cobravam uma fração do valor das mulheres. Isto vale até hoje; o valor cobrado por garota, na maioria, é maior que o dos homens. Em filmes eróticos atuais sequer aparecem seus nomes e não se veem seus rostos, apenas seu genital, que deve ser grande.

Neste aspecto, o homem é um ser objeto, que fica em segundo plano frente às belezas femininas, salvo exceções. Isso aplica-se na indústria pornográfica, mas nos romances o homem volta a ter seu papel de protagonista. Na cinematografia pornográfico-erótica, em contraste com o restante da sociedade, a mulher é empoderada.

No reinado de Júlio César, Calígula e Delano, para citar alguns, sendo que este último cobrava e estipulava preços, a indústria do sexo em Pompéia e no Império Romano se tornou mais lucrativa, com suas seis termas, sete clubes e quarenta e um bordéis em uma cidade de 6 mil habitantes. A taxa de impostos era promissora. Enquanto isso, a margem de lucro da agricultura era de 6%. (FEITOSA, RAGO, 2008).

Augustus e seus sucessores, prezando pela preservação da moral ética, não aceitavam mais tais condutas praticadas publicamente em Pompeia, e criou-se uma classe normativa, o que não significa que estas práticas sexuais tenham acabado. Pode-se dizer que a sexualidade explícita no discurso tenha se amenizado, e em razão disso, nada mais se sabe do que acontecia longe dos olhos. Tudo indica que tenha continuado, em outros rumos ou em menor intensidade, às escondidas.

Quando remontamos à sexualidade em Foucault, vemos que a Grécia, em especial, possuía uma relação de bissexualidade institucionalizada, com exceção à educação dos filhos. Os jovens, antes que nascessem pelos, quando estavam na tenra idade, chamavam a atenção dos filósofos pela sua beleza, e havia uma troca com o pedagogo, de estar com um rapaz na condição de aprendiz; ele era passivo na relação sexual e passivo no ensino. Ele estava na condição de aprender a ser um homem que poderia conduzir a si e aos outros.

Quando estes jovens começavam a adquirir pelos, sua beleza passava a não mais atrair a atenção dos mestres, pois pela lógica de seu aprendizado, ou mesmo quando já estavam em idade de contrair obrigações com a cidade, eles deveriam passar para a condição de ativos e integrar à passividade novos jovens, que um dia haviam sido iguais a eles.

Por isso, deveriam se dedicar ao máximo de aprendizado para que, após terem adquirido habilidades na vida e nos trabalhos, e aprendido a conduzir sua temperança, pudessem retransmiti-los para outros jovens com o passar dos anos, quando ultrapassassem os 30 anos. Então procurariam novos e belos jovens para ensinar. Quanto mais belos, mais educados e prontos a ser iniciados, e mais pretendentes atrairiam os jovens.

Todavia, quando os jovens não tinham beleza ou boa reputação, não atraíam os olhares de homens ativos. Além disso, não era bom que estes homens se excedessem em termos de sexualidade quanto a jovens de família livre, e sim que procedessem de forma justa na iniciação dos moços, sem excessos, senão isso poderia lhe custar a moral na cidade.

Com o passar da era grega, no império de Ciro, no período helenístico e romano, percebe-se uma relação de maior busca pela mulher na condição do Eros e Anteros, em outras épocas, entendida e praticada de forma mais propensa por um dos lados. A mulher passa a ter mais valor, pois na velhice cuidaria dos homens, poderia lhe dar bons filhos, prezar por eles em épocas de saúde debilitada, além de estar na posição social aristocrática em que havia relações de negócios entre pais de homens e mulheres livres.

Os homens deveriam respeitar as mulheres, e não se voltar em busca de cortesãs. Os romanos, nas *etairas*, deveriam respeitar a dietética. A hora de ter relações sexuais era mais propícia à noite, após uma boa alimentação e após um dia de bons exercícios para cuidar de seus corpos. Todavia, a mulher deveria perdoar qualquer deslize do homem com as *etairas*, pois ele era o condutor da casa, dos filhos, da mulher e da cidade, e perdoar era um dom que mostrava a virtude das mulheres.

O amor de Eros, socialmente, deixa de ser padronizado nesta época, antes do cristianismo, porém, nada impedia que dois homens vivessem relações de amizade um com o outro. O que faziam nas suas intimidades era livre; desde que não fosse aos olhos da cidade, nada lhes seria interdito, mas deveriam ter amizades com homens livres, de boa reputação, que agregassem valor à sua vida social e política, como vemos em Xenofonte, Plutarco e Musonius Rufo, que valorizam o papel da mulher sem desprezar a amizade dos iguais, pelo princípio da temperança e da sabedoria, sem excessos.

Há, portanto, relações de igualdade entre dois homens e um casal de homem e mulher, em que ambos podem cuidar do outro na doença, estar juntos em momentos de alegrias e tristezas, mas fez-se necessária a aquisição da mulher na vida em sociedade, pois eram filhas de homens livres da mesma forma que os rapazes o eram. Porém, havia uma distinção importante: a mulher se reproduz, e a sociedade percebia que havia mais possibilidades de *phillia* entre homem e mulher, pois haveria o matrimônio e a prole, e isto seria positivo para a manutenção dos exércitos, para a criação de mais mão de obra e para a sucessão dos negócios da família.

Também a mulher possuía mais habilidades no cuidar das casas, na maioria das vezes, e nas atividades domésticas, do que os homens livres, que eram preparados para a vida política ou filosófica.

Nesta situação, muitos casados preferiam confidenciar seus segredos para seus amigos, e o casamento era mero ato formal. A relação da Erótica sempre esteve presente no mundo romano e persa, de forma comedida e restrita, porém não condenável; sempre era recomendado não cometer excessos, porém havia exceções de matrimônio formal entre dois homens. Via-se a relação sendo introjetada entre o que poderia ser feito entre o público e o privado, aos olhos dos outros.

Com o surgimento do cristianismo, após o século IV d.C., conforme Feitosa (2013), também ganha força o dispositivo da confissão e da penitência. No século XII d.C., o estilo de vida de amizade entre dois homens passa a não ser bem visto, e por vezes a ser confundido com a pederastia. Já entre os estoicos surgiram as formas de anotações que propuseram os epicuristas e ganharam suporte na igreja com as leis de Moisés no Baixo Império Egípcio, em que as escrituras adquiriram a forma de conduzir a vida e ditar o que é certo e errado.

Passa-se então a ter o conhecimento de que, de forma individual, estar com homens na relação pederasta é abominado por Deus, e isto levaria à não salvação da alma,

pois o corpo morre, mas a alma é eterna; logo, deve-se obedecer ao que está nas escrituras. Não há outra forma para que se conquiste a vida eterna, e para isto não se deve jamais ter uma união homoafetiva.

As escrituras ganham mais força com os reis que aderem ao cristianismo, e em 380 d.C. o imperador Teodósio proclama a religião cristã como a que deve ser seguida pelo Império. Tais escrituras mostram os costumes daquela época, e nos ajudam a conhecer a forma de pensar e de viver daquela sociedade no século IV. Textos de interesse de cada reino são integrados nas escrituras e permanecem até hoje como a forma de se viver para obter a salvação.

O que se percebe no mundo cristão de hoje é que as pessoas não necessariamente possuem fé em Deus pelo que a Igreja determina e pelas escrituras. Os grandes cientistas sabem como foram aceitos e inseridos estes textos, como forma de exclusão para atender a uma sociedade elitizada, desde o século IV até os dias de hoje, e não à vontade do sagrado que está nas escrituras, pois elas foram escritas por homens para agradar aos reis Antigos que não aceitavam o não binarismo. No entanto, a fé é uma forma de conduzir a felicidade e solucionar os problemas das relações sociais, e não se deve crer que o sagrado é alcançado ao simplesmente aceitar o que lhe é designado. Pesquisas provam que a fé cura, e a pessoa se sente melhor na vida, com mais otimismo e felicidade, quando crê em algo que lhe traz bem estar.

O estilo de vida católico é um imperativo de suas normas que prevalece até hoje, sendo a segunda religião mais praticada no mundo, atrás apenas do Islã, que tende a ser regressivo nas relações de gênero. Vemos ainda a exclusão de mulheres em estádios de futebol, como ocorreu na Copa do Mundo do Catar em 2022, conforme Agência (2022), e a não liberdade das práticas de relações homoafetivas e de conduta social, como a proibição de ingerir bebida alcoólica, por exemplo.

Adota-se em uma outra cultura, no Irã, uma prática em que os homens tidos como femininos são forçados à castração mesmo contra sua vontade, tendo que se adaptar à vida de mulher, sendo estigmatizados pelo restante da população, além das penas cruéis para mulheres que não aderem às normas de vestimenta e condutas matrimoniais.

Riqueza e prosperidade estão vinculadas ao protestantismo, e não ao catolicismo; a Igreja sempre utilizou a velha passagem bíblica “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus” (Lucas 18:24-25) para justificar a pobreza. Já a ética protestante declina pela vertente de que Deus é abundante e quer que a pessoa, nesta vida, progrida financeiramente (FEITOSA, VORÓS 2017).

Desejando se libertar da doutrina católica de aceitação da derrota e das petições aos santos, da espera de um milagre, o protestantismo é dinâmico e rápido; o catolicismo quer, em segredo, bajular reinos para a acumulação da riquezas, e impera a condenação intensa ao pecado e as normas anti-sexuais, padronizadas na cultura do espaço e do tempo. Ambas as vertentes visam o lado monetário, porém, cada qual com sua forma de angariar a exclusão dos que não seguem o rito.

Em voga nestes discursos está a relação das aparências e de reconhecimento em um tema que Sedgwick (2007) designou de “sair do armário”. A expressão designa que a pessoa pode realizar seus prazeres e ter relacionamentos homossexuais sem dizer que o fez, sem assumir perante a sociedade sua orientação, seus atos. O termo “sair

do armário”, conforme Silveira e Silva (2015), foi designado para as pessoas não heteronormativas, visto que predominam na sociedade ocidental as práticas sexuais e de convivência como o matrimônio de natureza monogâmica, o que se designa como natural, ou seja, aquele entre homem e mulher. Tudo o que está fora deste sistema normativo cunhado por instituições societárias como a Igreja e segmentos da sociedade estaria fora do padrão lógico da natureza.

Desta forma, o estar em uma relação homoafetiva, como descreve a obra de Damata (1975) ao dialogar com Martinelli (2022), é algo que pode se manifestar sob diversas formas e em várias situações, na coragem de relatar casos extraconjugais de homens de carreira militar da Marinha, em relações passivas ou ativas, na época da ditadura em que é citado o ídolo Pelé, e em que o povo brasileiro vivia sob os dogmas do “crescer o bolo para depois distribuir”, conforme a política econômica de Delfim Neto. No entanto, o que se viu é que houve, conforme Nassif (2013), o acréscimo da vulnerabilidade socioeconômica, com a formação das comunidades e cortiços espalhados pela ocupação sem planejamento das cidades.

Em meio aos baixos salários da esquadra da Marinha, em seus quadros de soldados e sargentos, notava-se que a sexualidade estava além da idade e da farda; na vontade de querer o que é sexualmente interdito, a relação era entre iguais. As formas de vida relatadas em 1975 tinham singularidades semelhantes ao que havia em Pompeia, por exemplo, e em outros espaços antes da era cristã.

A política do pão e circo mostrava que embora o país sempre tenha tido a chancela de ser o país do futuro, até o presente ainda esperamos esse futuro que está a tardar, o momento que tanto o Brasil espera, para não manter a supressão de uma vida digna em direitos e reconhecimentos, um salário digno, infraestrutura e de políticas públicas inclusivas. Uma das poucas diversões do brasileiro na ditadura foi ver Pelé, o maior jogador do mundo, em campo com seus dribles e gols, à espera de 4 em 4 anos pela Copa do Mundo, e o sucesso de ser tricampeão no México em 1970, como ainda acontece hoje e como eram nas Olimpíadas greco-romanas.

Em meio ao erotismo do rádio de pilha, do cinema homoerótico, das revistas semanais e mensais de homens em ensaios nus e da fantasia ou da realização de fetiches sexuais em companhias homoeróticas e seus papéis de passivo no sexo, enquanto na vida lhe era custosa a manutenção de ter um trabalho digno, de um salário que poderia satisfazer sua família, sua mulher e o desejo de companhia de outros homens para poder pagar as contas do fim do mês, a experiência do homem do Brasil na época da ditadura fez deste um país exótico e único no mundo, conforme Damata (1975).

Em contrapartida, a autodeterminação para que as próprias pessoas possam construir valores que são percebidos na forma, no lugar e no espaço em que estão inseridas na sociedade sustentou um padrão heteronormativo por décadas, até o surgimento de movimentos contra a heteronormatividade, dentre os quais pode-se mencionar o movimento *queer* e o transgênero, dentro de um contexto de tentativas de alianças para a desconstrução de normas e conceitos pré estabelecidos sobre gênero e sexualidade, uma luta intensa que continua nos dias de hoje. Não existe forma prática e exata para se definir a transexualidade, e ela é construída ao longo da vida, fugindo a padrões stollerianos e da normatividade clínica.

Pelúcio (2006), com seus estudos sobre gênero, diz que atualmente existem as relações de migrações da prostituição internacional, porém acede que o conceito de gênero inserido no mundo das sexualidades é uma construção histórica, sempre em

movimento e reconstrução. Diz também que, no Brasil, percebe-se uma função histórica, e há uma singularidade cultural que não encontra senso comum fora da América do Sul, inerente e específica ao nosso país; as pessoas não entendem em outros países que a diversidade do conceito de travesti e transexual é articulada nas práticas discursivas e deve ser inclusiva, fato este também que pode explicar as graves violências contra transgêneros no Brasil.

A autora não pensa de forma genérica e usa a percepção antropológica como lugar teórico de “gestação” de conceitos. Ao longo dos séculos as sociedades tiveram percepções de linhas discursivas de apropriação de territórios, de modo que a sexualidade, de forma contemporânea, é um projeto de dispositivo como aparelho de linhas de saber e poder, onde os discursos são práticas.

Em Nolasco (1993) emergem as relações do que é ser homem e qual é seu papel nas relações sociais. Ele é aquele que procria, que trabalha, que deve ter um relacionamento monogâmico, mas quem é este homem em sentido estrito? Qual é seu papel na sociedade? Ele sempre deve ser heterossexual? Ou pode ter relações de acordo com sua vontade com os sujeitos do mesmo gênero, às escondidas, e qual seu papel nesta relação, ter apenas a Erótica ou estar junto em uma amizade?

Em conjunto com a tese de Katz (1996), em que norteia o heterossexual como considerado superior ao homossexual, podemos dizer que outras formas de sexualidades são tidas como inferiores, ou que são representações que não atendem os parâmetros sociais para serem superiores, e por consequência, são inferiores?

Na obra de Damata (1975), percebemos que é de mulheres que alguns destes homens fingem gostar para não romper as normas sociais, e preferem não ser vistos com outros homens, mas isso não quer dizer que não sintam atração por seus pares. Uma forma também de explicitar que o matrimônio está desgastado e ultrapassado é o fato de que não se sentem bem ao lado do feminino, e que buscam papear e trocar conselhos com os amigos que fazem nas ruas, nos cinemas, no “Amarelinho”, nas ruas da Cinelândia.

O andar e o roçar a mão quando estão no bonde, toda esta erotização homossexual que buscam, pelo prazer ou por necessidade, em um país desigual nas relações homoeróticas, são consequências de não serem vistos, mas que pela arte de viver, dessubjetivam-se e passam a viver outras formas de experiências.

Nestes contos se percebe a não aceitação do falar franco, da confissão, de viver uma vida juntos, mas havia a possibilidade de ganhar a vida ou desfrutar prazeres com o mesmo sexo ou gênero, desde que fosse às escondidas. Eram os conselhos de pais aos filhos, de que deviam evitar os olhos de reprovação da sociedade e o risco de serem confundidos com *gays*, e mais tarde, com os *queers* de maneira geral, termo que designa “estranho” e que abrange pessoas que não se identificam com rótulos que são cunhados e estão fora das homo e heterossexualidades, como as *drag queens*, além de pessoas bissexuais, que sentem atração por mais de um gênero.

Nos anos de 1980, conforme Alves (2021), os *queers* tiveram de conviver com a rejeição por serem os supostos portadores do vírus da Aids, e pela sua forma extravagante e não normativa de viver uma vida fora dos padrões impostos.

Não deram conta que o próprio “armário”, de acordo com Silveira e Silva (2015), os denunciaria hoje. A comunidade não aceita as homo transexualidades+ e os atos que

fizeram escondidos, como uso de drogas injetáveis e relação sexual sem preservativo, que também foram e são ainda hoje os protagonistas do HIV. Agora se sabe, após muita opressão, que pessoas de qualquer gênero poderiam e ainda podem contrair o vírus, mas a mídia mostrava principalmente as pessoas não binárias definindo, pela repressão de seu estilo de vida, escondendo a doença das demais sexualidades “normais” e crendo que se tratava da “peste gay”, que apenas este grupo estava exposto ao vírus.

Movimentos mundiais como o *hippie* e o *rock 'n' roll*, nos anos 60 e 70, que emergiram no mundo todo, com palavras contra a censura e a bandeira da paz e do amor, foram positivos nesse sentido, resultando em períodos com maior liberdade de expressão democrática. Ainda assim, países como o Brasil, em 1968, restringiram as liberdades individuais com atos de censura e perseguição.

Questões como a Aids, o aborto e os métodos contraceptivos alertaram a população de que a sexualidade deve ser livre, porém com regras, e mesmo havendo doenças que matam as pessoas, muitos países não puderam educar seus cidadãos para prevenir o contágio. São problemas que imperam até nos dias atuais, posto que a historicidade é dinâmica e não estática, se modificando ao longo dos anos e de cada período histórico, em cada Império, país ou mesmo em cada estado (FIGUEIRÓ, 1996).

Damata, (1975) no trecho “A Fábula”, mostra que alguns saem do armário pela forma de vida que optaram por ter, sem moderação, em razão de não conseguirem se esconder. Um de seus personagens chega ao limite de suas paixões – trata-se do trecho em que Luciano é flagrado em uma revista de notoriedade com outro igual, e não há como esconder isto de sua família.

O pai e o irmão mais velhos demonstram repulsa e reprovação em relação a Luciano e sua “opção” ao ver a foto, e tentam entender o motivo para ter escolhido este caminho, dentro das possibilidades do padrão que o casamento com uma mulher poderia lhe proporcionar. E qual o motivo de seu pai estar tão furioso com o filho mais novo?

O padrão, o esperado dele seria sempre manter o binarismo, se manter dentro do armário, evitar os perigos de sair deste labirinto sem volta. Otávio, seu pai, conta que quando tinha sua idade também teve um amigo íntimo, João Henrique; se conheceram no colégio, moravam na mesma rua e pela intensidade da amizade, chegaram ao clímax de se beijar. Ao ouvir isso, Luciano não acredita na confissão do pai, que prossegue ao dizer que conseguiu voltar à retidão quando seu próprio pai lhe aconselhou que aquela vida não o levaria a lugar algum, que não havia futuro.

Logo, para o pai de Luciano, na sua experiência, basta querer mudar que a situação pode ser revertida; o sair do armário na revista foi motivada por terceiros, mas havia uma forma de voltar à binaridade societal, ou seja, casar-se com uma mulher, e logo as pessoas esqueceriam tudo. Bastaria Luciano querer. Afirma ainda que não havia perigo em ter relações com iguais, contanto que ele passasse a ter mais cautela e o fizesse longe dos olhos da sociedade e dos jornalistas.

Para evitar problemas, sendo uma família em evidência, o conselho foi que se afastasse dos rapazes naquele momento, pois a amizade com eles era perigosa, em sua continuação e na intensidade vivida. No calor das emoções, faltaria razão para saber a hora de manter a amizade com um rapaz ou priorizar a relação com uma

mulher, entre o natural e o condenado, e saber se retirar a amizade está ficando fora de controle.

O pai se orgulha de ter saído deste caminho, pois ao conhecer a mãe de Luciano, começou a trabalhar e a estudar. Diz que tem orgulho de ter se casado uma semana após sua formatura do curso de Direito, e de ter filhos em um casamento bem sucedido.

Para voltar à normalidade, Luciano deveria então seguir um namoro e depois se casar com uma menina que fosse honrada, para poder ter sua masculinidade preservada; ainda mais quando chegassem os filhos, a casa se encheria de familiares, e a vida seguiria um caminho feliz. As relações deveriam seguir de acordo com o mundo, pois não se pode escolher o que sempre queremos; temos, conforme as palavras do pai, de ceder (DAMATA, 1975).

Porém a vida de Luciano, em busca de sua dessubjetivação, conforme Milanez (2022), teria sua experiência limite, a sua morte. A vida seria interrompida com um acidente de carro, e a morte adviria de uma sensação de prazer no carro, consigo mesmo, antes do acidente. Ele teve sonhos eróticos no veículo, o que desviou sua atenção e levou ao acidente fatal. Podemos pensar que o único fim para todos não é ser binário, e sim a morte que finda a vida de todos. As pessoas deveriam ter maior compreensão de que nada é perfeito em nenhuma relação, seja ela qual for. Sendo assim, se o pai tivesse apenas deixado o filho viver sua homossexualidade sem intervenção, talvez ele não houvesse guardado estes desejos em momentos que exigiam atenção, estando na direção de um carro. São estas interdições que, ao impedirem a normalidade, fazem com que o sujeito se esconda longe dos olhos de terceiros para praticar o *Aprhodísia*, conforme Foucault (2020), que é natural a todos enquanto estão vivos, pois com o crânio no asfalto, nada há além de lembranças, e o gênero e o sexo nada mais são.

O ficar no armário conota uma ideia e uma relação de estar no medo, de não conseguir, pela subjetividade da vida, viver intensamente sua forma que é a natureza, que está na sua mente, a fim de agraciar a sociedade. Logo, ele abre mão de si para os outros, e em troca de que? De aceitação e de infelicidade?

O que sou eu hoje? Conforme Derrida, que questiona como o ser humano pode se construir e ser feliz hoje em suas possibilidades, Foucault (2011) dialoga que o hoje está nas construções de saber e poder históricas. O hoje é uma construção do passado e do modo como as pessoas resistem no agora.

3. Coragem e verdade: quais opções o sujeito possui? Ficar no armário ou viver na intensidade da dessubjetivação?

Nas construções de linhas de força se pode resistir e se criar um estilo de vida, que tem história, tem presente e busca o futuro pelo jogo do dito, pelas verdades observadas que são postas e opostas no dia a dia, pelas escolhas do sujeito, que vai se construindo em uma pessoa que possui conhecimento de si, dos outros, que sabe escolher o seu caminho a seguir, que irá errar, que poderá corrigir, voltar atrás e ir em busca de sua felicidade; que não para, que está sempre em movimento.

Na obra de Damata (1975), vemos os relacionamentos entre o público e o privado, entre um velho e um jovem da Marinha, em suas discussões e afetos, em que o jovem é passivo e possui filhos e esposa, e reclama de como as coisas são difíceis. Ele luta para se manter dentro das normas, além de criar os filhos e cuidar da esposa. Seu amigo é este senhor que lhe dá abrigo, pelo fato de que chega um momento em que ninguém tem mais nada a esconder; a relação chega a um determinado ponto em que o querer ficar com o velho é mais forte do que a família e o dinheiro, e ele rejeita tudo ao final para ficar com seu amado.

Porém, um dia, cai aos prantos em choro pela sua esposa, e fica preocupado com o que o velho marinheiro irá pensar; ele, com toda sua *phillia*, aconselha ao amado que é sempre bom ter alguém que possa cuidar de si, que há virtude em qualquer gênero e que ele pode ser feliz com sua esposa se assim o quiser. Vê-se que a amizade pela esposa supera o desejo pelo homem. Este o aconselha a voltar para a esposa.

No discurso de “Crucificando”, Damata (1975) percebe a confissão de José Tércio ao padre Vicente sobre suas relações homoeróticas como uma forma de apagar o pecado e estar livre dele. No momento em que respira após os atos de confissões, porém, nota que havia um contorno de culpa tão forte que nem no padre despertava a repulsa como despertava em si mesmo. Este medo de viver as relações que vivia é tão grande, mesmo enquanto o padre é acolhedor, que deixa entender que o preconceito está arraigado em si mesmo, mas sempre provindo do outro que aponta o dedo, do olhar de reprovação, por sua forma de levar a vida diferente da habitual, da normativa. O próprio padre sente-se útil ao ouvir os aflitos, e crê que sua missão é perdoar os pecados que as pessoas só percebem que tem pela opinião alheia.

Mostra a liberdade como objetivo de vida, e sabe que a maior punição é de grupos que querem impedir a felicidade dos outros por dogmas escritos, para que vivam sob as suas formas de viver como sendo as únicas verdadeiras, por estar com um livro debaixo do braço que ao invés de acolher, oprime.

A penitência é para as instituições e pessoas que fazem parte delas, ou as usam como forma de dominar o outro e tirar vantagens de seus receios e medos; estes perdem tempo e vida ao se prostrarem diante da opinião e da dominação alheia. O não sair do armário é uma opção da mesma forma que um estilo de vida, de estar sempre sob a dominação do medo do outro, e não poder viver a sua própria vida pelo receio de ser exposto.

Há a troca da sua subjetividade pela não reprovação do outro, que gargalha, pois, mesmo sem a saída do armário, quem domina sabe que conseguiu vencer; este outro sabe que a pessoa segue as normas, se submete e não rechaça, mas possui também a indiferença daqueles que não tem medo de ser quem são e não se preocupam com a opinião do outro sobre o que é certo ou errado.

O conhecimento da verdade como essencial e a temperança, o fato de a pessoa conhecer a si mesma, não significam uma obrigação de dizer a verdade, assinala Foucault nas conferências de Toronto (2022). A relação da verdade é ontológica para os gregos, do ser como objeto natural, sem ser desejante e nem se purificar, sem entender seu desejo para se abster de um ato.

O interessante é viver uma vida segundo o que é considerado eticamente adequado, sem normas de uma regra específica, sem uso regimental dos prazeres que estão em si para consigo. É uma arte que prescreve algumas formas em função de variáveis como momento, status, idade no uso destes deleites, entre a temperança e a verdade.

A beleza da alma é fruto de se conhecer como um desejo de temperança e liberdade pelo domínio de si. Cada sujeito irá se conter na relação de atividade ou passividade, sendo parte da razão e não da emoção. O uso da sexualidade é a busca de uma verdade, uma relação de forma antéfrica da existência, vontade de saber e de conhecer seu próprio corpo, como analisa Foucault (2017a).

Percebemos não uma questão de proibir e sim de dosar, de intensidade, ou seja, cde saber até que ponto vai a ética, a dinâmica e seu modo de circulação na relação de circuitos de ligação do desejo, das formas que se entrelaçam, sem se preocupar se algo é certo ou errado.

Esta relação de força e sua dosimetria é relevante na arte do corpo. Não se pode deixar dominar, e sim ser racional e conhecer a correlação de força sem agir no impulso, como uma relação de agenciamentos que move o ser na fruição do prazer, se convém ou não, como é composto. Qual o papel do sujeito na relação? Se é subordinado ou não, se sabe se controlar e entender o momento certo de agir na sexualidade, na relação ativa e passiva de cada pessoa.

Em “Ditos e Escritos V”, no manuscrito “Sexualidade e Solidão”, Foucault (2017b) discute as alternativas à filosofia do sujeito como crítica e a proposta para que se possa sair desta relação do sujeito. Entre os séculos XIII e XIX no Iluminismo se pode duvidar de tudo, do que é possível saber de um sujeito que analisa o mundo objetivo, ao adentrar no mundo da subjetividade como alternativa.

No século XX, o próprio sujeito duvida de si mesmo, sem ter certeza do que acontece no mundo, mas sabe o que se diz sobre o mundo pela linguagem que aponta para um mundo da subjetividade e se analisa em situações específicas, no positivismo lógico.

Da mesma forma há a esfera do estruturalismo, na linguagem, na cultura, na psicologia, na antropologia, de uma forma outra que procura analisar questões em que as estruturas são contingenciais e mudam com o tempo, não sendo estáveis. Também são históricas, e Foucault (2010a) diz que não seguiu o positivismo lógico e tampouco o estruturalismo; diz que não é analítico, pois ninguém é perfeito, embora tenha se aproximado, e dialoga com o estruturalismo na era do saber pela alternativa que rege o mundo intelectual, substituindo uma *épistémé* e sendo substituída por outra. Ela flui e muda, não sendo objetiva, se transforma, diferente do estruturalismo, que procurou ser a-histórico.

Ao não encontrar as estruturas imutáveis, Foucault (2017b) diz que segue o caminho ao fazer uma genealogia que aborda uma forma capaz de se transformar em Nietzsche por conceitos históricos, e que o sujeito se transforma em problema filosófico, sem ser estável. O sujeito é transitório, logo, não se apoia em uma estrutura, pois está em constante transformação, que é a dimensão de como o sujeito foi constituído em diversos momentos da história. Por isso não procura sua origem, e sim dimensiona que o sujeito também é construção, sem ser eixo e tampouco ponto fixo.

Analisa o sujeito que transforma a vida subjetiva em objeto de transformação e de construção, sendo uma construção relativamente recente, por isso se constroem os sujeitos em diversas modalidades científicas, bem como nas instituições que os fizeram na construção da subjetividade, como nos dispositivos dos hospitais, da sexualidade, na prisão, na Igreja. Esta última constrói dispositivos que ditam normas e problematizam o fenômeno da subjetividade em elementos externos tão importantes para sua construção.

O cuidado de si em Foucault (2020), nas formas como agimos, lembram de como era bom se ocupar dos sonhos como em Artemidouro; o que era sonhado remetia a um símbolo, se algo era bom ou não tão bom, um prognóstico; a frequência dos sonhos, se sonhou, por exemplo com seu passivo, com um escravo – isto não foi um sonho bom, pois remete à não liberdade. Seria diferente se houvesse sonhado com ter sido ativo em uma relação com um jovem aprendiz, que mostrava a sabedoria.

São mencionadas por Artemidouro a questão da lei e sua interpretação, os conformes, os contrários e os que são contrários à natureza. Haverá nos sonhos a vergonha, os valores negativos que também são desfavoráveis à natureza e à lei da cidade, em especial nas relações de manter o cuidado de sua subjetividade dentro de um padrão de possibilidades.

A temperança com as mulheres consistia em não lhes causar tormentos, e em cuidar delas como sendo parte de si mesmos, pois a esposa é uma pessoa que lhe proporcionava sua descendência. A ela era devido o respeito, pois era, além de uma relação contratual, uma relação de negócios.

Não é bom ter relações com mulheres não livres, devendo respeitar a mulher que está em casa, que irá cuidar de sua prole e de seu lar. Além disso, não era bem visto que as mulheres tivessem relações de prazer com outros homens, podendo ser devolvidas ao pai se o fizessem. O comprometimento dos prazeres das mulheres era para a satisfação dos maridos.

O vínculo conjugal era uma forma de garantir uma família, pois havia interesses políticos em um matrimônio particular, que depois se transformava em público como forma de manter a temperança e fortalecer os negócios com as mulheres livres, filhas de aristocratas. O objetivo para os homens era aumentar sua riqueza e a manutenção de sua descendência, ao gerar filhos que pudessem trazer satisfação na vida social e política.

A Erótica deveria ser regulada pelo próprio sujeito, de forma que poderia haver a amizade entre homens iguais, que não cometessem excessos com adolescentes de outras famílias. Deveria haver a temperança na relação passiva que se transforma na relação ativa, e posteriormente nas relações sociais e econômicas. Estas relações de passividade eram necessárias para que o jovem aprendiz livre se tornasse um homem, que teria a fala franca na assembleia, tornando-se ativo. A relação sexual estava entrelaçada à política e ao *status* do sujeito.

A arte erótica se diferencia da ciência sexual, em que se busca a verdade; a erótica é uma arte de intensificar o prazer e aumentar a temperança, transmitida tanto no Ocidente como no Oriente. As relações escondidas de amizade entre homens, mesmo quando o aprendiz está em idade maior, podem ocorrer, porém não são consideradas boas condutas após se passar para a etapa e do casamento; não são recriminadas, desde que longe dos olhos da sociedade, não assumidas. Com isso se percebe que o amor é muito maior que o ato, e que devemos tratar nossa vida como uma obra de arte.

Na Antiguidade Clássica a sexualidade não era imposta por normas civis e religiosas, de modo que as pessoas decidiam por si mesmas como cuidar de suas vidas, e não estavam preocupadas em atingir a eternidade. O principal era dar o máximo nas relações de ajuda ao outro, ao cuidado, ao conhecimento, à preocupação com o dever, e o relacionamento, mesmo que homoerótico, era vista como apenas mais uma forma de existência e escolha de vida.

Butler (2022), ao mostrar a questão do entrelaçamento como ética política, dialoga com a sociabilidade na arte da vida em Merleau Ponty, no toque, na representação simbólica do sujeito, em que remonta a Scheller (1954) para dizer que o mundo não é como se pensava; prova que o mundo se transforma de forma diferente para o Eu, diferente do que se pensava que fosse.

Uma das possibilidades é termos uma sociedade cada vez mais egocêntrica, sem se preocupar com o outro, em um mundo cada vez mais desigual em essência e na realidade, pela destruição do clima, com o desmatamento das florestas, pela ausência de políticas públicas em habitação, saneamento básico e renda.

Conforme Butler (2022), deu-se mais valor a uma Economia que não pode parar, em detrimento das vidas que findaram e não tem mais como recomeçar, muitas delas sem ter o direito de um enterro digno de luto, com famílias devastadas pela dor e pela insensibilidade de governos que, por sua forma de governar e de conduzir, não deram nem a possibilidades de o sujeito ter uma renda mínima. Muitos tiveram de que sair para trabalhar em condições insalubres, e há países que até hoje sequer possuem vacinas para se imunizar contra o coronavírus, por exemplo; nisso a autora dialoga com Foucault (2010b), ao perceber o reconhecimento ou não destas pessoas.

As formas de ver a ética e o reconhecimento que governos proporcionam são desiguais e prejudicam especialmente as pessoas mais vulneráveis, como as que possuem os corpos matáveis e cuja ausência não irá ser notada, que são esquecidas logo após ser noticiados pela mídia, como as pessoas transgêneras, sem políticas públicas que possam reduzir o *status* de enlutável e sem reconhecimento de seus atos na sociedade pela sua forma de existência.

As formas de agir, diante de uma determinada situação que causa repulsa, são formas do Eu e do Você para que a tangibilidade da existência possa existir com o menor nível de desigualdade entre classes que são oprimidas. Além do gênero, citam-se as desigualdades de raças, as pessoas encarceradas que não tem direito a defesa, ou os países que proíbem a entrada de imigrantes pelo Mar Mediterrâneo, mesmo estando em condições históricas de desenvolvimento melhores e sendo a única opção de escolha para quem quer sair de uma guerra civil – ou seja, nesses casos, a essência não é igual à aparência do discurso.

As formas de dizer de Merleau Ponty carregam consigo fúrias em relação a corpos interditados pelo controle normativo da dominação, que não são erotizados, que fogem ao binarismo nas fronteiras do corpo, aqueles corpos que querem apenas reconhecimento da igualdade de direitos, e que são retribuídos com investidas policiais e portas fechadas quando procuram ajuda.

O divertimento e a sensação de estar livre para se sentir bem consigo mesmas fazem com que pessoas de todos os gêneros busquem, por meio de sites de relacionamentos como o Tinder, Badoo, Facebook e Instagram, no século XXI, outras formas de viver o corpo e de manter experiências afetivas do corpo como mecanismos de construção de uma realidade subjetiva.

Dissertam Osório, Sani e Soeiro (2020) que embora a sociedade clássica não possuísse e não vislumbrasse o que a mundialização da Economia nos traria séculos depois, suas expertises trouxeram bem estar e felicidade a seus usuários de sexo na teoria e na prática e hoje, mesmo com toda uma rede em massa de tecnologias, as pessoas vivem aprisionadas em seu mundos interiores e nas subjetividades de seus

Eus, pois não encontram bem estar, mesmo tendo um amálgama de artefatos que as ligam a milhares de perfis com compatibilidade ao que buscam. Alguns conseguem, mas outros, nem com a tecnologia se sentem realizados, o que mostra que a tecnologia não trouxe bem estar e felicidade para uma parcela da população se satisfazer em termos de relacionamento e sexualidade nos séculos XX e XXI, enquanto muitos indivíduos dos séculos antes de Cristo eram felizes e realizados, possuíam liberdade de expressão sexual no ato em si, antes que qualquer tecnologia pudesse sequer ter sido imaginada.

A sociedade atual não supera a sociedade clássica, apenas há meios diferentes, protocolos diferenciados em termos de política e aceitação social que distinguem as pessoas de cada período, diferentes dos os clássicos em termos de liberdade, expressão e prática de bem estar e busca da verdade.

A obra em análise traz de forma peculiar na literatura uma abordagem do modo de vida da época, que ao se comparar com formas de vida do mundo Antigo, pouco muda em termos de ser do sujeito, da atividade sexual em relação ao seu status e posição, tanto na vida sexual como na vida em geral.

Ivo deixa o amante, diz que não mais irá ter relações com homossexuais, e possui o mesmo entendimento de Leocádio, que diz não querer ter relações com afeminados, sendo aconselhado a casar-se com uma mulher, como outros membros da Marinha. Ele se recusa e diz que no final não aguentaria estar com uma mulher, pelo seu órgão, e que poucos conseguiriam suportar, sendo que a maioria, após estar casado, com filhos, deixa a companheira e volta a uma vida em busca de relacionamentos com rapazes.

Nas relações contemporâneas, conforme Sedgwick (2007) vemos que dentre estes homens, alguns conseguem estar com as mulheres, mas o fazem exatamente para agradar a sociedade e se frustram, enquanto outros não conseguem permanecer. Muitos tem a coragem de sair do armário em qualquer idade da vida, pois nunca é tarde para ir em busca da sua verdade, e esta descoberta, ou seu desabrochar, pode estar escondida pelo medo de romper com as normas que imperam na sociedade, em especial uma sociedade subdesenvolvida como a brasileira.

Todavia, vemos que, quando estes homens deixam suas mulheres ou se assumem em um relacionamento, eles não “mudaram” de gênero ou de sexualidade, e sim tiveram a coragem da verdade, conforme se vê na obra de Foucault (2011), de não mais ser escravos dos outros. Passaram a reivindicar no mundo em que vivem um espaço seu, e perderam o medo de ser quem sempre foram.

De acordo com Foucault (2010a), quando o sujeito desperta em si a coragem de conhecer a si mesmo e as possibilidades de sua existência, ele faz um exame de si, do que foi sua vida, e do que ela pode ser daqui em diante, pois nunca é tarde para se mostrar não ao mundo, mas a si próprio, e descobrir o que lhe faz bem, o que está faltando para sua felicidade. No dispositivo da sexualidade não binária, quando o sujeito se encontra, sem medo do outro, ele conhece também a si mesmo.

O sujeito se auto realiza, o que não significa necessariamente dizer ao mundo o que é, pela subjetividade da sua própria existência de ser mutante. Nunca é tarde para descobrir o seu próprio gênero, sua própria sexualidade, e vivê-los da melhor forma desejar, pela sua verdade, dessubjetivando-se da interdição do outro, e sem apontar que é errado quem quer se manter no armário, mesmo sabendo que deseja o outro gênero, e mesmo sendo perda de vida e de tempo; é a opção e escolha do sujeito.

Exemplo no texto de Damata (1975) é Ivo, que se apaixona por uma mulher, e que não se sente bem em ser passivo com um sargento reformado, Leocádio, devido às rupturas da imposição social, de que o superior deveria ser ativo e o aprendiz, passivo. No entanto, as relações de gênero não são adaptadas e formuladas por posição política ou de status, como muitos querem que ainda sejam, pelo seu poder de persuadir em termos de hierarquia. Ivo acaba optando por namorar uma menina, e o sargento não aceita, pois o deseja como passivo, ainda que isso seja contrário à sua natureza. Ele o rejeita principalmente pela forma desonrosa como trata sua namorada. Ivo sente o desejo da amizade, e de morar com ele, mas reconhece que é ele que deve comandar sua própria vida, ao não querer ser passivo e sim ativo. O jovem se incomoda com a forma como é tratado, tanto na Erótica como na agressividade com sua namorada, tornando a relação tóxica para além do prazer.

4. Considerações Finais

A descoberta da sexualidade tardia pode se dar por fatores que estão fora do controle da pessoa não binária, que se adequa às normas pela imposição social. Ele(a) vive por tempo determinado na paródia e na fantasia que o mundo lhe mostra e impõe, e muitos se acomodam em não exercer a *parresía* de suas próprias vidas, em estar sob as normas dos outros para não ter aborrecimentos.

As relações da moral do mundo greco-romano teceram as condições que fortaleceram o cristianismo, nas quais era temperante ao homem livre ter relações com seus escravos, desde que na condição de ativo, não sendo bom para si ser passivo com os homens não livres.

O amor pelos rapazes era uma etapa da vida sexual, ligada à questão da educação, em que o aprendiz assimilava valores, pelo cuidado de si, e as paixões em excesso deveriam ser refutadas; não era correto se perder nas paixões pelos rapazes, ou seja, ser escravo das próprias paixões.

Segundo a dietética e o cuidado de si, caberia ao sujeito buscar viver sua vida de forma singular, e que posteriormente pudesse ser lembrada como uma vida livre e digna. No amor, haviam regras, de acordo com a idade, e eventuais paixões que poderiam causar mal-estar à mulher no casamento deveriam ser evitadas. Para isto o homem deveria ter domínio sobre si mesmo e se abster de rapazes devassos que se relacionavam com vários homens ao mesmo tempo. Havia um conjunto de normas a serem seguidas, e os sujeitos que se perdessem deveriam retomar o cuidado de si, segundo as artes da existência em que as técnicas são etapas para alcançar o melhor estágio possível da sua essência.

Sendo uma forma de desconstrução do jogo do armário, da mesma forma, existia a amizade entre vários homens velhos e solteiros da Marinha que se reuniam para dialogar, conversar, fazer uma feijoada sempre no último domingo de cada mês na casa de um deles, e que se sentavam na praça, dando conselhos a outros jovens. Na história, o panorama centrava-se nos jovens marinheiros, posto comum na época em uma cidade portuária como o Rio de Janeiro, exemplo de uma vida de desapego para qualquer identidade de sexo e gênero.

O uso dos prazeres entre os homens livres na Grécia, significava ser livre em relação aos desejos, não ser escravo deles e dos *Aphrodísia*, ou seja, conhecer a si mesmo para que se pudesse viver em uma temperança, uma estética e uma ética da existência.

A virilidade está atrelada à questão da liberdade, ao uso controlado dos prazeres e das relações matrimoniais com as mulheres. Também deve estar em constância o papel da mulher como mãe e cuidadora, mantendo o lar em harmonia.

Uma lição que podemos perceber é que é preciso libertar-se das amarras do corpo no que envolve a sexualidade atual e tardia. Vemos desde antes dos nossos tempos cristãos que cada um possui sua singularidade, dentro do campo do gênero e da sexualidade. Muitas interdições atuais sequer existiam nos Antigos e este tema, a sexualidade, no decorrer dos séculos, aprofundou as desigualdades do poder da normalização. Resta-nos ter mais coragem para resistir, menos desentendimentos por questões de siglas que não resolvem problemas, sem planejamento e união das pessoas que mais são vulneráveis no que tange às homotransexualidades. Espera-se mais prática diante da teoria de grupos específicos, e uma crítica à política de movimentos sociais que não pensam no todo e sim em estar na mídia; um exemplo mais claro disto é a manutenção da intolerância em relação às pessoas transgêneras e o fato de que, mesmo com o julgamento da Ação Direta de Constitucionalidade Por Omissão (ADO26), em 2019 pelo STF, o país se mantém-se na liderança de mortes de pessoas trans.

Referências

- AGÊNCIA. Agência de Notícias da Aids. **Copa do Mundo no Catar representa perigo para atletas e turistas LGBT+, destaca IG Queer**. 2022. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/copa-do-mundo-no-catar-representa-perigo-para-atletas-e-turistas-lgbt-destacou-ig-queer/>>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- ALVES, Ricardo Henrique Ayers. O Queer e a Aids na Exposição Queermuseu. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/8dtmWkg97RqHvhXKs9hctrb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 mar. 2023.
- AUDIOVISUAL. Pompeia, a Cidade Romana Congelada no Tempo. **GoEuropa**, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4FPzdBniTeU>>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BUTLER, Judith. **Que mundo é este?** Uma Fenomenologia Pandêmica. Tradução Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.
- DAMATA, Gasparino. **Os solteirões**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1975.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo. n.98, p.50-63, ago.1996.
- FEITOSA, Luciana Cerqueira; RAGO, Margareth. Somos tão Antigos Quanto Modernos? Sexualidade e Gênero na Antiguidade e na Modernidade. In: RAGO, Margareth.; FUNARI, Pedro Paulo A. (Orgs.). **Subjetividades antigas e Modernas**. São Paulo: Annablume, 2008. Arquivos disponíveis em: <<https://anyhnamor.academia.edu/LourdesFeitosa>>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- FEITOSA, Luciana Cerqueira. Sexualidade Romana: Para Além dos Paradigmas Atuais. **Doxa – Revista Brasileira de Psicologia e educação**, Araraquara, v. 17. n. 1 e 2. pp. 295-308, 2013.

-
- ____. Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: **Relações de Gênero e Representações do Feminino**. Campinas: Editora Unifesp, 2014.
- FEITOSA, Luciana Cerqueira; VÓROS, Victoria Regina. Sex in the Ancient World: Pompeii – lo "Erótico" Romano en las Pantallas de Televisión. **Colección Instrumenta**, Barcelona, 2017 (no prelo).
- FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. O Governo de Si e dos Outros. II. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- ____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010a.
- ____. **O Governo de Si e dos Outros**. I. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010b.
- ____. História da Sexualidade. I. **A Vontade de Saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.
- ____. Ditos e Escritos. V. **Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2017b.
- ____. História da Sexualidade. III. **O Cuidado de Si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro. 2020.
- ____. Dizer a Verdade sobre si. **Conferências na Universidade de Victória, Toronto, 2022**. Tradução Salma T. Muchail. Editora Ubu, 2022.
- KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- MARTINELLI, Leonardo da Silva. Capitão Gay: um super-herói homossexual apesar da Ditadura Militar. **Cadernos Pagu (66)**, 2022:e226615. Campinas, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/LbsGgz7cZdRDH65nm9HY7QR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- MILANEZ, Nilton; KOGAWA, João; FIGUEIRA BORGES, Guilherme (orgs.). **Foucault na Califórnia: Uma Experiência-Limite do Corpo no Manuscrito de Simeon Wade**. Salvador: Labedisco, 2022.
- NOLASCO, Sérgio. (1993). **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- OSÓRIO, Lúcia; SANI, Ana; SOEIRO, Cristina. **Violência na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais Gays e Lésbicos**. Psicologia & Sociedade. Porto, Portugal, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/w6CkCMNHfB9zFjfQyP8zqqv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- PELÚCIO, Larissa. Três Casamentos e Algumas Reflexões: Notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 14(2): 248. maio-agosto, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/7hGdxrcYMX6YnZcYCjZJWGb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- ____. Sin Papeles Pero con Glamur: Migración de Travestis Brasileñas a España (Reflexiones iniciales). **Vibrant**, vol. 6, Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/downloads/v6n1_pelucio.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- NASSIF, Luis. O pecado que Delfim Netto nunca conseguirá expiar. **GGN Notícias**, 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/historia/o-pecado-que-delfim-netto-nunca-conseguira-expiar/>>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu (28)**. Campinas. São Paulo. 2007. Disponível

em:<<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

SILVEIRA, Micaela Sá; SILVA Antonio de Pádua. **Os Solteirões**: dentro ou Fora do Armário. Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais. Ilhéus, Bahia, 2015. Disponível

em:<<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgzGtvsZCkXXkDDCMGSXSHmLSLbrP?projector=1&messagePartId=0.1>>. Acesso em: 06 jan. 2023.

TRISOTO, S. O Corpo problematizado de uma perspectiva histórica política. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan/mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a13.pdf>> Acesso em: 20 maio. 2023.